

3.1 Lineamento Vitória-Trindade

A Cadeia Vitória-Trindade se inicia no talude continental a partir de Vitória (ES), a 175 quilômetros da costa brasileira. É constituída por uma série linear de guyots e descontínua de montes submarinos, dispostos entre os paralelos 20° e 21° S.

Almeida (1960) foi o primeiro a identificar a ilha como sendo de origem vulcânica, e posteriormente comprovado por Guazelli (1978). A cadeia é formada pelos bancos Besnard, Vitória, Congress, Montague, Champlaine, Columbia, Jaseur, Davies e Dogaressa, além de montes menores sem denominação, tendo seu final na ilha de Trindade e arquipélago Martin Vaz. Vários desses relevos submarinos têm formas alongadas próxima da direção geral leste-oeste da cadeia, decorrente da intrusão do magma na zona de fratura assim orientada, com segmentação e desvios locais devidos a esforços que deformaram a placa, analisados por Ferrari e Riccomini (1999). Seus cimos submersos mais elevados foram aplainados pela erosão marinha durante milhares de anos, cobertos por calcários biogênicos e hoje se apresentam em profundidades inferiores a 100 m. Os bancos Vitória, Jaseur, Davis e Congress têm profundidade de 55-70 m. (Gorini 1969). A cadeia, com várias interrupções e reduzidos relevos locais, tem cerca de 1000 km de extensão, alcançando o meridiano 29° W. Foi proposto por Guazelli & Carvalho (1978), com base em perfis sísmicos transversais, que a cadeia se inclui na Zona de Fratura de Vitória-Trindade, que se estende pelo menos ao meridiano de 19° W, já no flanco da Dorsal Médio-Atlântica, até onde esses pesquisadores dispunham de levantamentos sísmicos. Sua extensão para leste de Trindade foi recentemente mapeada por Alves et al. (2002) que referem ter ela prosseguimento para a costa africana após atravessar a Dorsal Médio-Atlântica e nela produzir pequeno deslocamento de seu eixo em torno de 6 quilômetros. Essas pesquisadoras usaram a denominação Zona de Fratura Trindade-Hotspur. Segundo Guazelli & Carvalho (1978) o denominado Alto de Vitória, que na plataforma continental separa por falhas verticais as bacias sedimentares de Espírito Santo e Campos (Bacoccoli e Morales 1973), acha-se incluído nessa zona de fratura. É muito perceptiva a semelhança com o Alto de Fortaleza na Zona de Fratura Fernando de Noronha separando na plataforma continental as bacias do Ceará e Potiguar. Examinando imagens de satélite da margem continental emersa adjacente ao Alto de Vitória, Guazelli e Carvalho (1978) reconheceram fraturas orientadas em direção leste-oeste e delas vizinhas, portanto discordantes das direções estruturais orientadas a NNE-SSW observadas no embasamento pré-cambriano, e que se equiparam às que Costa et al. (2002) identificaram na região de